

CARIDOSA, ALTRUÍSTA, OBEDIENTE E MODESTA: as instruções de Nísia Floresta para a educação das meninas no Brasil oitocentista

Luma Pinheiro Dias¹
Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar e analisar os modelos prescritos pela escritora e educadora Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) para a educação de meninas no Brasil nos Oitocentos, uma vez que a infância é considerada por ela como fase decisiva para o desenvolvimento de virtudes ou vícios. Para isso, três de suas produções são analisadas: *Conselhos à minha filha* (1842), *Fany ou o modelo das donzelas* (1847) e *Opúsculo humanitário* (1853). Nestas produções, Nísia Floresta apresenta o modelo ideal de filha e critica a educação reservada às meninas no período. Para que suas observações sejam inteligíveis dentro do recorte escolhido, recorre-se a biógrafos da escritora, bem como a bibliografia sobre infância e sobre o contexto histórico referido.

Palavras-chave: História. Infância. Educação de meninas. Nísia Floresta.

CHARITY, ALTRUIST, OBEDIENT AND MODEST: Nísia Floresta's instructions for the education of girls in nineteenth-century Brazil

ABSTRACT

This article aims to present and analyze the models prescribed by the writer and educator Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) for the education of girls in Brazil in the 19th century, since childhood is considered by her as a decisive phase for the development of virtues or vices. For this, three of his productions are analyzed: *Conselhos à minha filha* (1842), *Fany ou o modelo das donzelas* (1847) and *Opúsculo humanitário* (1853). In these productions, Nísia Floresta presents the ideal model of a daughter and criticizes the education reserved for girls in the period. In order for her observations to be intelligible within the chosen frame, biographers of the writer are used, as well as the bibliography on childhood and on the historical context referred to.

Keywords: History. Childhood. Girls education. Nisia Floresta.

¹ Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Doutoranda em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Bolsista FAPEPI. E-mail: luma_pd@hotmail.com

² Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e professora do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (PPGHB-UFPI). E-mail: teresinhaqueiroz@bol.com.br

CARIDOSA, ALTRUÍSTA, OBEDIENTE E MODESTA: as instruções de Nísia Floresta para a educação das meninas no Brasil oitocentista

CARIDAD, ALTRUISTA, OBEDIENTES Y MODESTA: las instrucciones de Nísia Floresta para la educación de las niñas en el Brasil del siglo XIX

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar y analizar los modelos prescritos por la escritora y educadora Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) para la educación de las niñas en Brasil en el siglo XIX, ya que la infancia es considerada por ella como una etapa decisiva para la desarrollo de virtudes o vicios. Para ello, se analizan tres de sus producciones: *Conselhos à minha filha* (1842), *Fany ou o modelo das donzelas* (1847) y *Opúsculo humanitário* (1853). En estas producciones, Nísia Floresta presenta el modelo ideal de una hija y critica la educación reservada a las niñas en la época. Para que sus observaciones sean inteligibles dentro del marco elegido, se utilizan biógrafos de la escritora, así como la bibliografía sobre la infancia y sobre el contexto histórico aludido.

Palabras llave: Historia. Infancia. Educación de niñas. Nisia Floresta.

Nísia Floresta Brasileira Augusta foi o pseudônimo adotado por Dionísia Gonçalves Pinto. Nascida em Papari, Rio Grande do Norte, em 1810, atuou como preceptora, escritora e diretora do Colégio Augusto, instituição fundada por ela, na Corte, no ano 1838. Sua atividade como educadora e escritora estavam associadas ao interesse em melhorar a educação dispensada às mulheres, tema recorrente de suas publicações. A brasileira morou e viajou por diferentes províncias no Brasil, como Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro e também por outros países, como Alemanha, Portugal e França, onde faleceu em 1885.³

É importante destacar alguns aspectos biográficos que possibilitem a compreensão de sua trajetória e a formulação de modelos femininos nos Oitocentos. Quanto à sua família, o pai, Dionísio Gonçalves Pinto, era português e atuava como advogado, e a mãe, Antônia Clara Freire, era brasileira. Nísia Floresta teve três irmãos: Clara, Joaquim e outra irmã proveniente do primeiro casamento da mãe, que era viúva, antes do casamento com Dionísio Pinto.⁴

Aos treze anos, Nísia Floresta foi dada em casamento a Manuel Alexandre Seabra de Melo, descrito como um homem rude, de pouca instrução, proprietário de terras. No entanto, desafiando os padrões da época, ela o abandonou em poucas semanas, voltando a morar com os pais. Em 1824, sua família mudou-se para Pernambuco, onde ela conheceu aquele que afirma ser seu grande amor, o estudante de direito Manoel Augusto de Faria Rocha.⁵

Quatro anos depois, em 1828, Nísia Floresta perdeu o pai, que foi assassinado no exercício da profissão, defendendo causas contrárias aos interesses dos poderosos da localidade.

³ DIAS, Luma Pinheiro. *Nísia Floresta e a escrita em defesa da educação feminina nos Oitocentos*. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

⁴ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

⁵ DUARTE, 1995.

Norma Telles afirma que, após o assassinato do pai, ela assumiu o sustento da família, provavelmente como preceptora.⁶

A formação de Nísia Floresta é pouco conhecida. Adauto da Câmara sugere que os seus primeiros estudos tenham se dado em Goiana, tendo em vista a ausência de estabelecimentos de ensino em Papari. Sugere também que o pai, Dionísio Pinto, tenha encaminhado a filha nos estudos rudimentares, pois era um homem culto.⁷ Outro apontamento do autor diz respeito a sua estada em Recife e em Olinda, onde provavelmente teve contato com a leitura de autores clássicos portugueses. Nísia Floresta falava francês e conhecia o inglês. Aos 28 anos de idade, anunciou no jornal ser professora particular de latim, francês e italiano.⁸

Ainda em 1828, é certo que Nísia Floresta tenha ido morar junto com Manoel Augusto, com quem formou uma família e a quem chamava carinhosamente de Augusto. Em 1830, nasceu a primeira filha do casal, Lívia Augusta de Faria Rocha, a sua principal companheira em viagens e tradutora de sua obra em diversos idiomas. No ano de 1831, nasceu o segundo filho do casal, mas faleceu pouco depois.⁹

O ano de 1832 tornou-se marcante na história dessa personagem brasileira: é o ano da publicação de seu primeiro livro, **Direito das mulheres e injustiça dos homens**,¹⁰ quando, também, começou a utilizar o pseudônimo pelo qual ficou conhecida em seu país e no exterior. Ainda em 1832, Nísia Floresta passou a residir em Porto Alegre junto com a mãe, as irmãs, a filha e o companheiro Augusto. Em janeiro do ano seguinte, nasceu Augusto Américo de Faria Rocha, outro filho do casal e, em agosto, Manoel Augusto faleceu.¹¹

Durante toda a sua vida, Nísia Floresta chorou a perda do companheiro, lamentando em letras a saudade pela partida precoce. A partir de então, Nísia Floresta passou a se reconhecer e a ser reconhecida como viúva, o que confere novos valores à sua posição social. Jaqueline Padovani da Silva ressalta que “a ‘classe’ das viúvas, comparada à posição que as demais mulheres ocupavam, costumava assumir um status diferenciado, em termos de vantagens econômicas e sociais”.¹² Acrescenta que: “essa distinção que cabia à viúva conferia-lhe maiores

⁶ TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

⁷ CÂMARA, Adauto da. **História de Nísia Floresta**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

⁸ CÂMARA, 1941, p. 46.

⁹ DIAS, 2017.

¹⁰ FLORESTA, Nísia. **Direito das mulheres e injustiça dos homens**. São Paulo, Cortez: 1989.

¹¹ DIAS, 2017.

¹² SILVA, Jaqueline Padovani da. De esposa a viúva, de viúva a esposa. In: SILVA, Jaqueline Padovani da. *“Destá para a melhor”*: a presença das viúvas machadianas no Jornal das Famílias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 116.

CARIDOSA, ALTRUÍSTA, OBEDIENTE E MODESTA: as instruções de Nísia Floresta para a educação das meninas no Brasil oitocentista

oportunidades de administrar sua própria rotina, sem se prender com excessos à rigidez do esquema paternalista, cujo expoente mais comum se associava à figura do pai ou do marido”.¹³

Observando a trajetória de Nísia Floresta, ela não parece se encaixar no estereótipo de mulher submissa à autoridade masculina. No entanto, ser reconhecida como viúva lhe conferiu mais respeito que ser identificada como mulher separada, com o agravante de ter tido filhos de uma união ilegítima. Assim, ela se tornou uma mulher digna de respeito e, também, a cabeça da família.¹⁴

Em 1837, Nísia Floresta mudou-se com os filhos e a mãe para o Rio de Janeiro, onde, no ano seguinte, fundou o Colégio Augusto, dedicado à educação de meninas. A instituição foi presidida diretamente por ela nos anos em que permaneceu no Brasil. Elogiada por uns e duramente criticada por outros, Nísia Floresta manteve o colégio em funcionamento durante 17 anos, o que pode significar que se tornou uma instituição com bom conceito na Corte.

Com pouco mais de 15 títulos publicados, Nísia Floresta defendeu recorrentemente o direito das mulheres à educação e formatou modelos femininos que deveriam colaborar para o progresso da humanidade. A escritora não propôs o rompimento com o ambiente doméstico, mas que a mulher devidamente educada seria capaz de exercer adequadamente as funções de filha, esposa e mãe. Nesse sentido, interessa a este trabalho apresentar e analisar as prescrições de Nísia Floresta quanto à infância e à educação de meninas.

Para isso, três de suas produções são utilizadas como fonte: **Conselhos à minha filha** (1842),¹⁵ **Fany ou o modelo das donzelas** (1847)¹⁶ e **Opúsculo humanitário** (1853).¹⁷ A escolha é explicada a partir do tema de interesse, visto que nos referidos textos a escritora expõe a preocupação com a infância das meninas brasileiras e define essa fase como a mais propícia para o desenvolvimento de virtudes. Para a compreensão do contexto histórico de sua escrita, recorre-se a bibliografias sobre o período e sobre a noção de infância.

Philippe Ariès, a partir da análise de produções artísticas e intelectuais, destaca que até o século XIII, havia, na Europa, verdadeiro desinteresse pela criança. Exemplo desse sentimento é a ausência de vestimentas conforme a idade, uma vez que, ao sair dos cueiros, logo as crianças eram vestidas como mulheres ou homens adultos. De acordo com Ariès, não

¹³ SILVA, 2015, p. 116.

¹⁴ SILVA, 2015, p. 117.

¹⁵ FLORESTA, Nísia. **Conselhos à minha filha**. 2. ed. Rio de Janeiro: Typ. Imp. de F. de Paula Brito, 1845.

¹⁶ FLORESTA, Nísia. **Fany ou o modelo das donzelas**. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Natal: EDUFERN, 2009. p. 95-102.

¹⁷ FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. Rio de Janeiro: Typ. de M. A. Silva Lima, 1853.

Humana Res, v. 5, n. 7, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 157 – 171, jan. a ago. 2023 DOI 10.29327/2151838.5.7-9

havia a consciência da particularidade infantil. Essa realidade começou a mudar apenas a partir da virada do século XVI para o XVII.¹⁸

No Brasil, Mary Del Priore destaca que a infância era tida como um momento em que o indivíduo não possuía personalidade e passava por uma transição. Durante o século XIX, houve uma especialização do conhecimento a respeito da criança, com o aperfeiçoamento do discurso médico para garantir a sobrevivência do recém-nascido.¹⁹ Até então, a infância não possuía valor significativo para a sociedade, e a responsabilidade para com a criança era terceirizada, ficando sob os cuidados dos serviçais, no caso das famílias de elite.

De acordo com Ana Maria Mauad, no século XIX, a descoberta humanista da especificidade da infância e da adolescência como idades da vida foi confirmada. A autora informa que dicionários da década de 1830 trazem os termos criança, adolescente e menino. O termo menina só foi incorporado mais tarde, associado à ideia de criança do sexo feminino.²⁰ A partir do reconhecimento da existência da infância, esses sujeitos passaram a ser objeto de observação e preocupação de alguns, especialmente no que se refere à educação.

Nísia Floresta reconhece a importância do período da infância na formação do homem e da mulher, questão relevante para aquele momento, onde se delimitavam as noções básicas sobre a criança e a infância. Afirma a educadora:

As crianças são de mais precoce entendimento do que acreditaríeis. Observai-as com atenção e vereis que são todas propensas por natureza a imitar aqueles que estão à sua volta. No início o fazem ser se aperceberem; mas com o desenvolvimento progressivo de sua razão, seguem o modelo que melhor condiz com sua índole e maneira de viver. Então começam a despontar nelas aquelas inclinações que chamais naturais, e que muitas vezes não são mais que o resultado dos gostos por vós instilados em seus tenros corações, e dos exemplos que imitaram quando não prestáveis atenção.²¹

A educação de meninos e meninas durante o século XIX no Brasil era voltada para o desenvolvimento de aptidões que deveriam ser praticadas na vida adulta, de acordo com o lugar ocupado por cada sexo naquela sociedade. Enquanto os homens tinham livre acesso à instrução, desde que pertencessem à família abastada, podendo viajar para o exterior para concluir seus estudos e até formar-se na Europa, as moças poderiam aprender a ler, escrever e noções básicas de cálculos e geografia, geralmente no espaço doméstico, com professores particulares. As

¹⁸ ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

¹⁹ PRIORE, Mary Del. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.

²⁰ MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante do Império. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

²¹ FLORESTA, Nísia. A mulher. In: FLORESTA, Nísia. **Cintilações de uma alma brasileira**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. 83-159. p. 117.

CARIDOSA, ALTRUÍSTA, OBEDIENTE E MODESTA: as instruções de Nísia Floresta para a educação das meninas no Brasil oitocentista

impressões oferecidas por John Luccock, em 1813, colaboram para a compreensão desse aspecto:

Seria absurdo pretendermos um relato igualmente detalhado das diferentes falou ordens de mulheres e de suas várias ocupações. Têm estas que ser, fatalmente, de natureza particular e é preciso que se lembre que as mulheres das classes altas e médias, e especialmente as mais moças, vivem muito mais reclusas que em nossa própria terra. O pouco contato que os costumes com elas permitem, dentro em breve, põem a nu a sua falta de educação e instrução. Isto, aliás, fazia parte do sistema declarado; estava assentado que o saber ler para elas não devia ir além do livro de rezas, pois isso lhes seria inútil, nem tampouco se desejava que escrevessem a fim de não fizessem, como sabiamente se observava, um mau uso dessa arte.²²

162

Os pais não queriam que as suas filhas soubessem mais que o necessário para gerirem um lar. Assim, não deveriam ter conhecimento suficiente para não serem capazes de ler romances indecentes, ou de escrever bilhetes para paixões proibidas. Nísia Floresta, referindo-se à ignorância proposital reservada às mulheres na primeira metade dos Oitocentos, afirma:

Dizia-se geralmente que ensinar-lhes a ler e escrever era proporcionar-lhes os meios de entreterem correspondências amorosas, e repetia-se, sempre, que costura e trabalhos domésticos eram as únicas ocupações próprias da mulher. Este prejuízo estava de tal sorte arraigado no espírito de nossos antepassados, que qualquer pai que ousava vencê-lo e proporcionar às suas filhas lições que não as daqueles misteres, era para logo censurado querer arrancar o sexo ao estado de ignorância que lhe convinha.²³

Assim, a educação para meninas funcionava como instrumento de subjugação e reforço das diferenças entre os sexos. Quando adultas, deveriam desempenhar o papel de zeladoras do lar, cabendo às mulheres aprenderem, fosse através de brincadeiras ou da educação, a realizar tarefas que lhes seriam exigidas quando se casassem. Deveriam desenvolver suas virtudes ainda quando crianças, para que pudessem realizar um casamento satisfatório e manter a honra da família. As mulheres de elite eram ensinadas a reproduzirem e, posteriormente, transmitirem o modelo feminino construído pelo discurso patriarcal brasileiro.

Poucas foram as intervenções do Estado para colaborar com a educação feminina. O Decreto imperial de 15 de outubro de 1827 determinou a criação de escolas de primeiras letras nos lugares mais populosos do Império e regulamentou o ensino de meninas. Com destaque em três artigos desse decreto, é possível analisar sua relevância para a educação feminina:

Art. 6º – Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações aritméticas, práticas de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana,

²² LUCOCK apud LEITE, Míriam Moreira (Org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro século XIX**. São Paulo: HUCITEC, 1984. p. 68.

²³ FLORESTA, 1853, p. 68.

proporcionados à compreensão dos meninos, preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.

Art. 11 – Haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento.

Art. 12 – As mestras, além do declarado no artigo 6º, com a exclusão das noções de geometria e limitado a instrução aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica [...].²⁴

Assim, fica evidente que, apesar de estabelecer o ensino para meninas, a instrução feminina institucional estava estritamente ligada à sua função social. O decreto, ainda que não tenha sido colocado em prática de forma eficiente nem ter minimizado as distâncias entre o ensino para meninos e para meninas, constituiu o primeiro passo para a institucionalização e difusão do ensino feminino além do ambiente doméstico.

No ano de 1834, uma nova emenda transferiu a responsabilidade do ensino primário e secundário para o poder local, resultando em uma desorganização do sistema educacional do Brasil. As principais instituições de ensino naquele momento eram os colégios religiosos e particulares, muitos dirigidos por estrangeiros.²⁵

É necessário considerar a distância existente entre a educação para moças de elite e para as pertencentes a famílias pobres. Washington Dener dos Santos Cunha e Rosemaria Vieira Silva destacam que, no decorrer do século XIX, o número de escolas era muito pequeno, insuficiente em algumas localidades para atender a demanda da clientela, apesar de a procura ser mínima:

[...] Uma vez que parte da população mais pobre não acreditava e não via grande interesse pelo aprendizado da leitura e da escrita, enquanto nas classes mais abastadas este tipo de ensino era suprido pela prática de contratação de preceptores.²⁶

É possível identificar a deficiência do ensino público para meninas nas informações trazidas por Nísia Floresta a partir dos dados contidos no Quadro Demonstrativo do Estado da Instrução Primária e Secundária das Províncias do Império e do Município da Corte, de 1852. A escritora denuncia a disparidade entre o número de meninos e meninas que frequentavam as aulas públicas; de 55.000, apenas 8.443 eram do sexo feminino. Apresenta, ainda, os seguintes dados: em Minas Gerais, que contava com 209 escolas de primeiras letras, somente 24 eram

²⁴ BRASIL. *Lei de 15 de outubro de 1827*. Rio de Janeiro, 1827. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm#:~:text=LIM%2D15%2D10%2D1827&text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%C3%A9rio. Acesso em: 1 out. 2022.

²⁵ WEREBE, Maria José Garcia. A educação. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Brasil monárquico: declínio e queda do Império** (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 376.

²⁶ CUNHA, Washington Dener dos Santos SILVA; Rosemaria J. A educação feminina no século XIX: entre a escola e a literatura. **Gênero**. Niterói, v. 11, n. 1, 2. sem. 2010. p. 98.

CARIDOSA, ALTRUÍSTA, OBEDIENTE E MODESTA: as instruções de Nísia Floresta para a educação das meninas no Brasil oitocentista

destinadas às meninas. A Bahia contava com 184 escolas primárias, sendo apenas 26 de instrução feminina. Pernambuco tinha 16 escolas de ensino para meninas de um total de 82. No caso do Rio de Janeiro, eram 36 destinadas ao sexo feminino de 116 no total.²⁷ Além dessas informações que evidenciam o atraso de investimentos na educação feminina, Nísia Floresta pontua outros elementos que contribuía para a situação observada:

Acrescentamos agora ao medíocre número dessas escolas a confusão de métodos, das doutrinas seguidas pelas professoras, quase sempre discordes em seus sistemas e, como já observamos, em grande parte sem as necessárias habilitações e teremos reduzido à expressão mais simples o número da nossa população feminina que participa do ensino público e o grau de instrução que recebe.²⁸

164

A educação secundária, especialmente após 1834, ficou a cargo das instituições privadas. Cunha e Silva afirmam que foi a partir da década de 1850 que se intensificou a organização das escolas secundárias femininas, “tornando-se espaços notórios de sociabilidade, marcados pelas reuniões da elite local, empenhando-se mais na realização de festas do que na função a que se destinavam – o ensino”.²⁹

Nísia Floresta critica o ensino primário no Brasil, público e particular, denunciando o descaso das autoridades durante a primeira metade do século XIX. A esse respeito ela afirma:

Nada, porém, ou quase nada temos visto fazer-se para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação de nossas mulheres, a fim de que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência, e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada.³⁰

Portanto, é a partir da observação da precariedade da educação oferecida às meninas e da sua prática como educadora que Nísia Floresta elabora seu modelo ideal de educação, capaz de estimular o desenvolvimento de virtudes e não de vícios nas mulheres brasileiras. Sendo a infância momento de grande definição na vida do indivíduo, essa se torna uma preocupação de Nísia Floresta. Uma vez incutidos vícios ainda nessa fase de desenvolvimento, mais difícil seria para conseguir reverter tais danos através da educação moral e religiosa.

Com o objetivo de aconselhar sua filha, Livia, e estender suas prescrições a outras meninas, especialmente às suas educandas, Nísia Floresta publicou em 1842 o livreto **Conselhos à minha filha**, editado pela tipografia de J. E. S. Cabral, do Rio de Janeiro, e assinado por F. Augusta Brasileira. Este é o texto da escritora que possui mais edições e

²⁷ FLORESTA, 1853, p. 85.

²⁸ FLORESTA, 1853, p. 86-87.

²⁹ CUNHA; SILVA, 2010, p. 100.

³⁰ FLORESTA, 1853, p. 43.

traduções: em 1845 saiu a segunda edição, dessa vez pela tipografia de Paula e Brito, acrescentada de quarenta pensamentos em versos; em 1858 saiu a primeira versão com tradução para o italiano, *Consigli a mia figlia*, editado pela tipografia Stamperie Sulle Logge del Gren, em Florença; em 1859, a Associação da Propaganda de Valença lançou a segunda edição italiana, que foi recomendada pelo bispo de Mandovi para uso nas escolas de Piemonte; no mesmo ano foi lançada a primeira edição francesa, **Conseils à ma fille**, pela Impr. de Monnier, traduzido por Braye Debysé.

Escrito como presente para o aniversário de doze anos de Lívia, Nísia Floresta inicia seus **Conselhos** falando sobre a força do sentimento materno, que “está além de todas as paixões humanas”, uma vez que “só uma mãe é capaz dos maiores sacrifícios sem outras vistas, sem outra recompensa mais do que seu próprio amor”.³¹

Inspirada por esse sentimento, a autora ressalta o dever de sua escrita: “Eu começarei por insinuar-te aqui em um estilo simples e claro os deveres e as virtudes filiais”,³² e esclarece que parte de seu próprio exemplo: “(...) possam a ternura e a experiência de tua mãe servir-te então de guia na escabrosa senda da vida”.³³

A vaidade é o primeiro vício a ser evitado por Lívia. Suas boas ações e o amor pela ciência não devem estar associados à busca pelo elogio, o que faria perder “as qualidades do coração, sem as quais nada pode brilhar em uma mulher”.³⁴ Nísia Floresta pretende instruir a filha de acordo com as virtudes cristãs, incentivando sua obediência filial. Sobre isso, afirma: “Ser obediente a seus pais, mesmo quando eles forem intratáveis e austeros, amá-los, mesmo a despeito de seus vícios grosseiros e ingratidões, é uma virtude rara e de um grande merecimento’. Reflete nesse sublime pensamento; foi um santo homem quem o escreveu”.³⁵

Nísia Floresta segue recomendando que a filha se afaste dos filhos que murmuram de seus pais, assim como daqueles que usam os “autores de sua existência” como meio para satisfazer seus caprichos. No entanto, a autora faz uma ressalva: a obediência não deve ser cega ao ponto de negar a si mesmo, nem fruto do medo de repreensões.³⁶

Outros conselhos incluem ser condescendente, boa, solícita, caridosa e benevolente.³⁷ “Decida-te sempre pelo oprimido; os desgraçados têm incontestáveis direitos à nossa proteção

³¹ FLORESTA, 1845, p. 8.

³² FLORESTA, 1845, p. 11.

³³ FLORESTA, 1845, p. 11.

³⁴ FLORESTA, 1845, p. 17.

³⁵ FLORESTA, 1845, p. 19.

³⁶ FLORESTA, 1845, p. 19-20.

³⁷ FLORESTA, 1845, p. 21-22.

CARIDOSA, ALTRUÍSTA, OBEDIENTE E MODESTA: as instruções de Nísia Floresta para a educação das meninas no Brasil oitocentista

e amizade”.³⁸ Recomenda que a filha não julgue as coisas pelo exterior, pois “muitas vezes, encontram-se sob feias aparências o realce de todas as virtudes reunidas”.³⁹

Lívia deveria ser generosa, praticar o bem sem ostentação, e jamais deveria vingar-se. Deveria amar sua família e tributar a ela “um profundo sentimento de veneração e estima”.⁴⁰ Indica que a menina “sejas atenciosa para todos, e com particularidade para a velhice”.⁴¹ Em situações em que não fosse possível fugir de palavras de lisonja excessiva, deveria dizer em seu coração “quanto são exagerados semelhantes elogios!”.⁴²

De acordo com Nísia Floresta, havia dois tipos de adoradores do sexo feminino. O mais comum era daqueles que as olhavam com desprezo, que enxergavam na mulher apenas uma beleza passageira, que tentariam conquistá-la através do uso de elogios vazios, referentes apenas à sua imagem. O segundo tipo, mais raro, é dos homens “cujo coração formado na escola da virtude, para honra da humanidade, se prestam espontaneamente a vingar-nos dos ultrajes, com que pretendem abocanhar-nos o crédito aqueles, de que acabo de falar-te”.⁴³

Detalhando o homem sério como aquele cuja inteligência sabe discernir as fraquezas e as elevações femininas e que não abusa de sua posição, Nísia Floresta afirma: “É de um tal homem, minha filha, que te recomendo procures a comunicação, e cultives a amizade, quanto sua razão se tiver dissolvido”.⁴⁴ E alerta: “Foge cautelosa aos primeiros, que só te falarão de uma maneira própria para lisonjear a tua vaidade”.⁴⁵ Assim, a autora segue para a conclusão de seus **Conselhos**, desejando que a filha possa “pela regularidade de sua conduta, pela sua obediência, e docilidade aos conselhos de sua mãe, preparar-se uma mocidade feliz e uma velhice sem remorsos!”.⁴⁶

No decorrer da vida de Lívia, sua trajetória muito se aproximou do que desejou Nísia Floresta. Ela é apontada como filha exemplar. Em matérias de jornais da época, chega a levar como sobrenome parte do pseudônimo utilizado pela mãe, Lívia Augusta Brasileira Rocha. Dispomos de poucas informações a seu respeito. Sabe-se que foi após seus problemas de saúde que Nísia Floresta foi para a Europa acompanhada dos filhos pela primeira vez, em 1849. Nas

³⁸ FLORESTA, 1845, p. 22.

³⁹ FLORESTA, 1845, p. 22.

⁴⁰ FLORESTA, 1845, p. 26.

⁴¹ FLORESTA, 1845, p. 26.

⁴² FLORESTA, 1845, p. 27.

⁴³ FLORESTA, 1845, p. 28.

⁴⁴ FLORESTA, 1845, p. 28-29.

⁴⁵ FLORESTA, 1845, p. 29.

⁴⁶ FLORESTA, 1845, p. 30.

viagens seguintes, somente Livia acompanhou a mãe. Teria casado e ficado viúva pouco depois, além de ser preceptora e tradutora das obras da mãe em outros idiomas.

Livia é reconhecida pela instrução. Nas publicações das listas de alunas premiadas em exames finais do Colégio Augusto é comum ver o seu nome. Em artigo publicado no *Jornal do Comércio* em 1841, vemos um elogio à filha de Nísia Floresta:

Seguiu-se depois disso exame de inglês, da Sra. D. Livia Augusta Brasileira Rocha, filha da diretora do colégio. Que talento raro! Que habilidade extrema! Não podemos fazer-lhe maior elogio do que publicando o seu nome, e fazendo observar que com doze anos de idade está uma senhora moralmente completa, e nesse dia apresentou um brilhante exame de inglês e francês, que fala com perfeição e muita facilidade, e geografia astronômica, física e política.⁴⁷

Alguns anos mais tarde, um artigo foi publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, noticiando o paradeiro de Livia e sua mãe:

Chegou a Lisboa no último pacote de Inglaterra a célebre poetisa, natural do Rio de Janeiro, Brasileira Augusta, em sua companhia um anjo de formosura, - perfeita composição de tudo que a mulher pode reunir, - a par das graças dos dotes intelectuais – Falo sua filha D. Nísia, - que aos dezoito anos de idade já junta vastos conhecimentos, falando os principais idiomas da Europa, mui instruída em matemática, física, e em música, – encanta todas as pessoas que tem a ventura de lhe serem apresentadas.⁴⁸

Livia não seguiu os passos da mãe apenas como companheira de viagem, preceptora e tradutora das obras de Nísia Floresta. Há nos jornais **O Anunciador** e no **Periódico dos Pobres** anúncios⁴⁹ de uma tradução feita por Livia e vendida no Brasil no ano de 1850 intitulada “Esperemos sempre”, com a seguinte informação: “Conto moral, traduzido do francês, por Livia Augusta de Faria Rocha; acha-se a venda na Rua do Ouvidor n. 158, a sair do Largo de S. Francisco de Paula”.⁵⁰ Logo, os trabalhos desenvolvidos por Livia não estiveram restritos aos de sua mãe.

Outra produção em que é possível analisar o modelo de filha formatado por Nísia Floresta é **Fany ou o modelo das donzelas**, de 1847, publicada pelo Colégio Augusto.⁵¹ Fany, personagem principal da novela, é o principal modelo de menina apresentado pela autora.

⁴⁷ COMUNICADO. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 16, n. 332, p. 2, 24 dez. 1841.

⁴⁸ CHEGOU A Lisboa... *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, p. 1, 13 set. 1851.

⁴⁹ ESPEREMOS sempre. **O Anunciador**. Rio de Janeiro, n. 4, p. 1, 4 fev. 1850.; ESPEREMOS sempre. **O Anunciador**. Rio de Janeiro, n. 5, p. 4, 5 fev. 1850.; ESPEREMOS sempre. **O Anunciador**. Rio de Janeiro, n. 6, p. 1, 6 fev. 1850.; ESPEREMOS sempre. **O Anunciador**. Rio de Janeiro, n. 11, p. 2, 11 fev. 1850.; ESPEREMOS sempre. *O Anunciador*. Rio de Janeiro, n. 17, p. 4, 19 fev. 1850.; ESPEREMOS sempre. **Periódico dos Pobres**. Rio de Janeiro, n. 20, p. 4, 1 jun. 1850.; ESPEREMOS sempre. **Periódico dos Pobres**. Rio de Janeiro, n. 26, p. 4, 17 jun. 1850.

⁵⁰ ANÚNCIOS. **Periódico dos Pobres**. Rio de Janeiro, n. 16, p. 4, 22 maio 1850.

⁵¹ FLORESTA, Nísia. **Fany ou o modelo das donzelas**. Rio de Janeiro: Edição do Colégio Augusto, 1847.

CARIDOSA, ALTRUÍSTA, OBEDIENTE E MODESTA: as instruções de Nísia Floresta para a educação das meninas no Brasil oitocentista

Fany nascera em Porto Alegre, onde residia com seus pais e oito irmãos, sendo ela a primogênita. “Contava com apenas treze anos e as felizes propensões que ela anunciava já, prometiam aos caros autores de seus dias uma ventura que nada parecia disputar-lhes”.⁵² A menina era ciente de suas obrigações enquanto filha, como a obediência aos pais, tanto que não se envaidecia quando reconheciam suas virtudes. Apesar de sua beleza e dos progressos nos estudos, Fany sabia que suas qualidades eram um “favor da sábia Providência”.

Nísia Floresta apresenta Fany como uma menina a caminho de tornar-se uma boa mãe de família, pois, desde cedo, auxiliava sua mãe nos cuidados com os irmãos e nos afazeres domésticos. A escritora detalha algumas das atividades desenvolvidas por Fany após completar sua educação:

Era ela quem dirigia sob as ordens de sua mãe todo o governo da casa; cosia a roupa de seus irmãos, tratava de sua mãe com uma devoção angélica; e longe de assemelhar-se a essas jovens que apenas deixam de ser colegiais, folgam de haver recobrado uma coisa que chamam liberdade, e que lhes permite dormirem até alto dia, passarem a mor parte deles despenteadas ou à janela, aborrecendo os livros, em que grande parte delas não pegam mais ou leem sem fruto. Fany, no meio de tantas ocupações, achava tempo de empregar-se em cultivar os estudos, que havia aprendido, e conservar uma correspondência diária com aquela que havia cuidado de sua educação.⁵³

No trecho acima, Nísia Floresta evidencia duas possibilidades de existência feminina ao contrapor o modelo que imprime em Fany ao que era costumeiramente observado entre as suas alunas. Diferindo da maioria, a personagem, quando distante do colégio, não abandona o interesse pelo conhecimento, nem se entrega ao ócio. Ao contrário, permanece firme no cultivo de suas virtudes, uma filha exemplar e irmã generosa.

As virtudes de Fany são colocadas à prova diante das dificuldades enfrentadas por sua família com a desordem em Porto Alegre, suscitada pela Revolução Farroupilha.⁵⁴ Sua família acaba envolvida através da participação dos pais no conflito. No entanto, Fany não se desvirtua, apesar das turbulências sociais:

Enquanto tinha lugar esse grande movimento, e quando mesmo entre as mulheres algumas, esquecendo as virtudes pacíficas de seu sexo, elevavam o grito amotinado de particulares vinganças, profanando o santo nome da liberdade em seu fatal entusiasmo, Fany, no recinto do seu quarto, dirigia ardentes preces ao Divino Autor da Natureza para que protegesse os dias de

⁵² FLORESTA, 2009, p. 96.

⁵³ FLORESTA, 2009, p. 97.

⁵⁴ Revolta armada com forte apelo popular ocorrida no Rio Grande do Sul entre os anos de 1835 e 1845. Dentre as principais motivações para o conflito, é possível citar o descontentamento com os governantes, altos impostos, inclusive sobre o charque, principal produto econômico da região naquele momento, e a dificuldade ou inexistência de transportes terrestres, dentre outros. Cf.: HARTMANN, Ivan. **Aspetos da Guerra dos Farrapos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.

seu pai; de seu pai que imprudentemente comandava uma das forças rebeldes [...].⁵⁵

Novamente, a atitude de Fany é contraposta àquela da maioria, uma vez que não se junta aos revoltosos, mas permanece firme nas virtudes de seu sexo, pedindo auxílio e proteção divina. Já sua mãe se deixou levar pelas paixões do marido, especialmente, quando os rebeldes têm sua primeira vitória, incentivando-o daí em diante a permanecer na batalha.

Nesse momento, Nísia Floresta contrapõe os exemplos de mãe e filha, exaltando mais uma vez as virtudes de Fany:

A sensível Fany, pelo contrário, sem proferir uma palavra que ferisse o que seu pai, chamava de nobre patriotismo, com sua mãe apresentava, em sua mudez, um contraste singular com aquele entusiasmo, que tão pouco acordava com a doçura e timidez natural de seu excelente caráter. Ela implorava ao Criador pelos caros autores de seus dias e continuava com mais ardor nos seus exercícios diários, sem que aquela mudança política tão vantajosa para seu pai, tivesse em nada influído sobre seus hábitos ordinários.⁵⁶

Diferente de sua mãe e apesar de manter sua obediência ao pai e incapaz de questionar suas decisões, Fany permanece executando seu papel de boa filha, pedindo pela preservação da vida de seus pais, reconhecendo os males das suas atitudes. Enquanto outras mulheres abandonavam suas virtudes, suas obrigações familiares, Fany reforça ainda mais seu compromisso com as atividades domésticas, independentemente dos conflitos políticos que agitavam seu lar.

A repressão aos rebeldes levou a batalhas sangrentas, com prisões e morte dos revoltosos e daqueles que os apoiavam. Foi diante de uma batalha que a vida dos pais de Fany foi colocada em risco, situação em que agiu com “heroica coragem”, prestando socorro aos seus progenitores e a outros que necessitavam de seus cuidados:

Foi então que Fany desenvolveu grandemente todas as virtudes de seu sexo: animava com suas doces carícias a mãe abatida, cuidava dos irmãos, prestava socorro aos que caíam feridos aos seus pés, rompendo suas roupas para estancar o sangue que corria de suas feridas, e impondo um religioso respeito aos soldados, que a contemplavam tão bela, e tão jovem no meio deles!⁵⁷

Diante das dificuldades, Fany, como exemplo de filha, permanece ao lado de seus pais e dos necessitados. Logo em seguida, o seu pai morre e, órfã, Fany também encarou a pobreza com a devida resignação. Mesmo com a possibilidade de conseguir um bom casamento, a moça opta por cuidar de sua mãe e irmãos:

⁵⁵ FLORESTA, 2009, p. 98.

⁵⁶ FLORESTA, 2009, p. 98-99.

⁵⁷ FLORESTA, 2009, p. 100.

Em sua desgraça, desprovida daqueles meios que mais deslumbram os homens quando tratam de fazer uma união, ela teve partidos, mas querendo viver somente para a mãe e seus irmãos ao menos por alguns anos ainda, renunciou ao casamento e encarou resignada com sua mãe a pobreza, e o desdém de um povo, cuja causa seu pai não havia seguido. Sempre boa, sempre dócil aos conselhos dessa mãe que ela adorava, sempre modesta e atenciosa com toda sorte de pessoas, Fany em sua pobreza como no tempo de sua prosperidade, atraía a admiração dos que a conheciam.⁵⁸

Fany não se ressentia da perda da fortuna por si mesma, mas pela mãe e os irmãos. Altruísta, abdicava de sua mocidade e felicidade para cuidar da família. Não murmurava e se mostrava uma verdadeira cristã a esperar a Providência Divina. Assim foi durante oito anos, quando o Governo Imperial finalmente declarou anistia geral, devolvendo os bens de sua mãe, e a paz para Fany, que permaneceu auxiliando na educação dos irmãos, cuidando dos afazeres domésticos e merecedora da admiração de um povo.

Por fim, Nísia Floresta deixa clara sua intenção ao escrever essa história, recomendando: “Possam todas as Donzelas e principalmente para quem escrevi esses ligeiros traços da história de Fany, imitar suas virtudes, e exercitarem uma pena mais hábil do que a minha para descrevê-las”.⁵⁹

Dessa maneira, é evidente que o objetivo de Nísia Floresta era atingir e modificar consciências. Através do exemplo de Fany, a autora apresenta as virtudes e comportamentos que deveriam ser absorvidos por suas alunas e leitoras externas. Caridosa, altruísta, obediente, modesta são as principais características de uma boa filha.

É interessante observar que, ao apresentar a personagem, a autora parece tê-la conhecido:

Fany frequentava um Colégio da Capital, cuja Diretora, fazendo justiça a seu merecimento, lhe havia conferido depois de algum tempo o título de Monitora. Nesse lugar a jovem educanda, longe de inspirar às suas companheiras um sentimento desfavorável, atraiu em pouco tempo pela doçura, amabilidade de caráter, e terna perseverança em transmitir-lhes as lições que recebia da Diretora, a geral estima mesmo das colegiais que não estavam sob sua direção. Seus progressos foram rápidos, todos que a conheciam admiravam-na, todos estavam maravilhados de suas nascentes qualidades; somente ela as ignorava porque a mais perfeita modéstia coroava todas as outras virtudes.⁶⁰

Não é possível confirmar a existência de Fany para além da escrita de Nísia Floresta, mas é provável que sua criação tenha reflexos da realidade vivenciada pela educadora no

⁵⁸ FLORESTA, 2009, p. 101.

⁵⁹ FLORESTA, 2009, p. 102.

⁶⁰ FLORESTA, 2009, p. 96.

Colégio Augusto, ou dos anos que passou em Porto Alegre. A imagem da diretora muito lembra os relatos autobiográficos elaborados por Nísia Floresta em outros escritos.

A história de Fany se assemelha à trajetória da autora. Assim como a personagem, Nísia Floresta vivenciou os conflitos envolvendo sua família, as perseguições antilusitanas que resultavam nas fugas constantes para outros locais, a violência é comum às duas. Fany, assim como a autora, perde o pai ainda muito jovem e se dispõe a colaborar com a mãe nos cuidados domésticos. O interesse pelo conhecimento, a admiração pelos exemplos maternos e a saudade do pai são outros pontos concordantes entre a criadora e a criatura.

Fany e Livia são modelos femininos a serem seguidos. A fama da filha é lisonja para mãe, a prova de que era competente como matriarca e educadora. É com o pretexto de escrever para a filha que Nísia Floresta elabora manuais a serem seguidos, não somente por Livia e suas educandas, mas por todas aquelas que almejavam fazer parte da regeneração moral da sociedade. Ao conseguir desempenhar bem o papel de filhas, logo seriam boas esposas e boas mães, contribuindo para o progresso da humanidade.